

“Nosso Maior Mestre”: Nietzsche, Burckhardt e o conceito de cultura*

Duncan Large**

Resumo: O presente artigo visa a discutir e analisar em profundidade aspectos essenciais da relação entre Nietzsche e Burckhardt. Sob o influxo de textos fundamentais e correspondências notadamente reveladoras, busca-se fazer um balanço crítico do panorama intelectual em torno do qual Nietzsche e Burckhardt orbitavam para, a partir de um contramovimento em relação ao modelo tradicional de educação, trazer à plena luz uma concepção de cultura radicalmente inovadora.

Palavras-chave: história – educação – cultura – filosofia alemã

Uma Pequena Piada

Em 1995, Laurence Lampert compareceu à Quinta Conferência Anual da Sociedade Nietzsche e apresentou um trabalho intitulado “As melhores piadas de Nietzsche”⁽¹⁾. Eu gostaria, ao invés disso, de começar com uma das piores piadas de Nietzsche (pelo menos, uma das mais inescrutáveis). Ela encontra-se numa carta bem tardia, na mensagem que ele enviou a Jacob Burckhardt de Turim em 4 de janeiro de 1889 e que se lê, aqui, em sua inteireza:

* Tradução de Fernando R. de Moraes Barros.

** Professor de filosofia alemã na Universidade de Wales Swansea, Grã Bretanha.

“Ao meu venerado Jakob Burckhardt.

[Meinem verehrungswürdigen Jakob Burckhardt.]

Essa foi a pequena piada por conta da qual eu tolero o meu fastio ao ter criado um mundo. Agora o senhor é – tu és – o maior entre os nossos maiores mestres *[Nun sind Sie – bist du – unser grosser grösster Lehrer]*; pois eu, junto com Ariadne, tenho apenas que ser o equilíbrio dourado de todas as coisas, em todo lugar temos tais seres que estão acima de nós *[die über uns sind]*...

Dionysos” (KSB VIII, p. 574).

O que devemos, afinal de contas, fazer com tal comunicado oriundo das alturas empíreas da incipiente loucura de Nietzsche? Se nós filólogos levarmos a carta de Nietzsche a sério e não a dispensarmos de imediato como evidência de tal loucura, que sentido ela pode apresentar? Especificamente, qual é a piada? Existem muitas possibilidades e pretendo distinguir quatro maneiras de interpretá-la (deixando de lado uma quinta, segundo a qual a observação inicial não possui qualquer relação com o restante da mensagem). Primeiramente, a piada poderia consistir no fato de Nietzsche ter simplesmente grafado erroneamente o nome cristão de Burckhardt – Jakob com “k” em vez de “c” –, todavia, esse era o procedimento usual de Nietzsche e, a ser assim, acredito que não precisamos levar isso em conta⁽²⁾. Uma segunda possibilidade, então: estaria Nietzsche, *de algum modo*, entretido com sua própria audácia em chamar Burckhardt pelo primeiro nome – haja vista que essa é a primeira vez que ele o faz e nas outras situações ele o chama de “Senhor Professor”?⁽³⁾ Essa suposição – que alguém poderia chamar de leitura “caçoadora e zombeteira” – é, no meu entender, mais aceitável e pode ser corroborada pela mudança do modo formal de tratamento “Sie” para o “du” informal na sentença seguinte, o que normalmente seria considerado uma impertinência, caso não houvesse o consentimento do outro.

Todavia, o deslocamento do “Sie” para o “du” constitui, de fato, uma característica comum nas últimas cartas de Nietzsche:

em janeiro de 1889 ele dirige-se pela primeira vez a uma série de amigos e correspondentes habituais fazendo uso do “du” – Georg Brandes, Heinrich Köselitz, Cosima Wagner (cf. KSB VIII, pp. 573-7) – e também utiliza a forma “du” quando escreve pela primeira vez a autoridades tais como o Cardeal Mariani e o Rei Umberto I (cf. KSB VIII, p.577). Isso estaria perfeitamente de acordo com a crença de Nietzsche em sua própria divindade, pois na Alemanha o Deus judaico-cristão (“Deus o Pai”) volta-se para suas criaturas utilizando a forma familiar/familiar “du” (e, surpreendentemente, é tratado com “du” em resposta). No caso de Burckhardt, a guinada de Nietzsche do “Sie” para o “du” pode, além disso, ser compreendida simplesmente como uma maneira desajeitada de indicar afeição. O que excluiria uma possível terceira interpretação da piada, segundo a qual Nietzsche, ao descrever Burckhardt como alguém “*verehrungswürdig*”, estaria sendo, como quase sempre, irônico, empregando um epíteto aparentemente lisonjeiro – do mesmo modo quando ele se refere ao “*inteligente* David Strauss” (GD/CI “O que falta aos alemães” 2) ou ao “*inteligente* Leopold von Ranke” (EH/EH, “Por que sou tão inteligente” 9)⁽⁴⁾ – quando, em realidade, ele estaria pensando o oposto, isto é, que Burckhardt é desprezível. Essa parece ser, a meu ver, a leitura mais insustentável: a piada não pode estar direcionada *contra* Burckhardt, pois o restante da carta comprova suficientemente a alta estima (até mesmo o respeito subserviente) que Nietzsche ainda nutre por Burckhardt e que está, igualmente, expressa em toda sua comunicação com ele. Não se trata, enfim, de algum ato fútil de vingança por meio do qual Nietzsche finalmente revela a Burckhardt que ele o menosprezava desde o princípio; isso estaria muito abaixo da dignidade de Dioniso⁽⁵⁾.

Quais possibilidades de interpretação nos restam? Eu sugeria a seguinte: enquanto Deus (Dioniso), Nietzsche está entretido com o Seu reconhecimento de que até Deus, Ele mesmo, precisa ser ensinado por uma de Suas próprias criações – pelo “meu”

Jacob Burckhardt. Diferentemente do Deus judaico-cristão, Nietzsche-Dioniso não criou o mundo para poder exigir seu louvor em troca; Deus cria o mundo para que este possa ensiná-lo, para que Ele seja capaz de aspirar às suas alturas. A piada consistiria, então, em que Deus precisa encontrar *alguém* “*verehrungs-würdig*” (merecedor de reverência e adoração): o Nietzsche transfigurado transvalora a mais trivial das *formulae* de abertura no paradoxo máximo, que Deus, Ele mesmo, tem de adorar Sua própria criação, o professor da Basileia posto nas alturas em sua “*Lehrstuhl*”. Essa interpretação seria, no meu entender, fortalecida pela famosa última carta a Burckhardt do dia seguinte, onde é possível ler no início: “Caro Professor/ De fato, eu preferiria muito mais ser um professor da Basileia do que Deus; mas eu não ousei levar meu egoísmo particular longe o bastante para omitir a criação do mundo por conta dele” (KSB VIII, p.577f). O próprio Deus, ao que parece, lamenta um tanto por ter tido que cumprir Seu destino como criador do mundo e anseia pela vida calma do professor da Basileia – e fica claro que Ele não tem em mira apenas algum professor antigo da Basileia (e nem mesmo a “encarnação” anterior do próprio Nietzsche), mas o próprio Burckhardt. Novamente, em contraste com o Deus judaico-cristão, Nietzsche não é apenas capaz de aceitar uma piada contra ele mesmo – Ele é capaz de contar uma! Nietzsche-Deus certamente é, ao que tudo indica, um camarada chistoso: em sua última carta a Burckhardt escreve, “estou condenado a divertir a próxima eternidade com piadas ruins” (KSB VIII, p. 578). E, obviamente, Ele pretende começar cedo.

Três Questões

Qual é, então, a natureza do papel que Nietzsche/Dioniso confere a Burckhardt precisamente? Ambas as cartas são marcadas por um contínuo senso de deferência e inferioridade (“Eu [...] tenho *apenas* que ser o equilíbrio dourado de todas as coisas”); até

Deus carece de um professor e se Burckhardt constitui tal professor, ele tem que ser extraordinariamente bom – o texto de Nietzsche procura, de fato, alcançar o superlativo o máximo possível (“o maior entre os nossos maiores mestres”). O Burckhardt capaz de ensinar alguma coisa a Deus – um daqueles seres “*die über uns sind*” – emerge, ousa-se dizer, como um tipo de “*Überlehrer*” cósmico. Contudo, por mais superlativa que seja, essa ainda é uma proposição claramente vazia. Assim, no restante deste artigo, pretendo tentar completá-la a partir das três seguintes questões: em primeiro lugar, *Como* Burckhardt ensina?; em segundo lugar, *A quem* Burckhardt ensina?; e, em terceiro lugar, *O que* Burckhardt ensina?

Em resposta à primeira, Como Burckhardt ensina?, ainda não nos foi dada muita indicação. Se Burckhardt é um daqueles “seres que estão acima de nós”, isto sugeriria a visão típica de Nietzsche do educador como “*Vorbild*” (modelo) – Burckhardt constitui uma imagem que se projeta à frente de nós e, para utilizar o memorável verso que se encontra no final do *Fausto II* de Goethe e que Nietzsche nunca se cansa de parodiar, “*zieht uns hinan*” (nos arrasta adiante e para cima). Tal é o modelo (o do educador como modelo) que Nietzsche propõe em *Schopenhauer como educador* – exatamente o modelo de “educação” em sua variação nietzschiana de indução, de *eduzir* à uma *auto-superação*, de colocar-se acima para que aqueles que estão abaixo possam aprender como alcançar suas próprias alturas, aprender que existem tais alturas para serem alcançadas.⁽⁶⁾ Aqui, apesar de Nietzsche referir-se a Burckhardt enquanto “*Lehrer*” (mestre) e não enquanto “*Erzieher*” (educador), ambos se achariam fundidos e Burckhardt seria “o nosso maior educador” porque Nietzsche o projeta o mais longe possível acima de si e se rebaixa ao máximo frente a ele. É reverente ao extremo. Retornarei a essa questão mais adiante – que poderia ser chamada de questão do “estilo pedagógico” de Burckhardt –, pois, como todas as questões de estilo, ela possui

uma íntima ligação com a questão do “conteúdo” (que será minha terceira questão).

Quanto a minha segunda questão (*A quem Burckhardt ensina?*), a resposta evidentemente é, em primeiro lugar, “a nós”, mas isso apenas remete à pergunta “Quem somos ‘nós’?”. Mais uma vez, a resposta é suficientemente clara no contexto imediato da citação (até certo ponto): Nietzsche-Dioniso fantasmaticamente unido a sua amada Ariadne (Cosima Wagner). Nesse período, porém, a personalidade divina de Nietzsche é muito mais copiosa do que isso: o que dizer sobre “O Crucificado”, sua outra assinatura favorita nesse último período⁽⁷⁾, ou “Nietzsche César” (KSB VIII, p. 568), ou as outras “encarnações” que ele arroga a si mesmo em sua carta a Cosima Wagner de 3 de janeiro (cf. KSB VIII, p. 572f.), ou, por fim, todas as outras personagens da história que Nietzsche pretende representar em sua última carta a Burckhardt (cf. KSB VIII, p. 578)? Burckhardt também é professor deles? Ou, para formular de outro modo, por acaso Burckhardt é o historiador paradigmático, o “onomatopedagogo” que ensina Nietzsche todas as personagens da história *que ele é*? Porventura o “nosso maior mestre” está entregando a Nietzsche todas as suas máscaras naquela grande oficina de adereços no céu – o maior professor-figurinista, o auxiliar-catedrático?⁽⁸⁾ Que não se esqueça a passagem de *Humano, Demasiado Humano* intitulada “Felicidade do Historiador”, a qual Montinari nos assegura que foi inspirada em Burckhardt (cf. Nietzsche 25, XIV p.164) e onde Nietzsche descreve este historiador como “um homem [...] que, em contraste com os metafísicos, é feliz por abrigar em si mesmo, não ‘uma alma imortal’, mas *muitas almas mortais*” (VM/OS 17).⁽⁹⁾ Sob essa perspectiva, portanto, Burckhardt representa o singular educador da transfigurada e superabundante alma-do-mundo porque ensinou a Nietzsche, antes de mais nada, a pluralidade da alma, ensinou a “nós” (a Nietzsche) a sermos “nós” (Nietzsche).

Quem Ensina a quem?

Seria essa visão de Burckhardt enquanto “nosso maior mestre” apenas uma aberração? Afirmei, no início, que existe um motivo para se levar a piada de Nietzsche a sério, e pretendo mostrar que essa interpretação do papel de Burckhardt simplesmente conduz ao extremo aquilo que Nietzsche sustentou do começo ao fim, que Burckhardt é um professor paradigmático. A relação Nietzsche/Burckhardt que se evidenciou até o momento constitui basicamente uma grotesca fantasia narcisista que Nietzsche engendra nos derradeiros dias de sua sanidade – estamos às voltas, para citar Nietzsche contra ele mesmo, com uma daquelas “fantasias febril-cerebrais criadas pelos doentes” (GD/CI, “A ‘razão’ na filosofia”, 4). Mas o que dizer sobre aquilo que antecede a transfiguração de Nietzsche? Para persistir em minha segunda questão, A quem Burckhardt ensina?, teria Burckhardt ensinado alguma outra pessoa?

Se lembrarmos daquilo que Nietzsche diz sobre Burckhardt no primeiro período de sua obra, especificamente em sua obra publicada, perceberemos imediatamente que ele escreve excessivamente pouco a respeito de alguém que, aparentemente, ele estimava tanto. Não somente inexitem ensaios de *Burckhardt als Erzieher* ou *Jacob Burckhardt in Basel*; Nietzsche menciona Burckhardt precisamente três vezes em sua obra publicada: uma vez na *Segunda Consideração Extemporânea* e duas vezes em *Crepúsculo dos Ídolos*. Dessas duas últimas ocorrências, a segunda aparece na penúltima seção do livro, em “O que devo aos antigos” – não “O que devo aos modernos” e, por conseguinte: Nietzsche não expressa, aqui, uma dívida para com Burckhardt; o que ele enfatiza é, antes, a dívida de Burckhardt para com ele:

“Eu fui o primeiro que, a fim compreender o instinto helênico mais antigo, quando ele ainda era rico e transbordante, levei a sério aquele maravilhoso fenômeno que carregava o nome de

Dioniso: o qual só pode ser explicado por um *excesso* de força. Quem investiga os gregos, como Jakob Burckhardt da Basileia, o mais profundo conhecedor de sua cultura hoje vivo, se deu conta prontamente de que isto era uma conquista: Burckhardt inseriu em sua *Cultura dos Gregos* um capítulo especial sobre o fenômeno mencionado” (GD/CI, “O que devo aos antigos”, 4).

Aqui, os papéis pedagógicos estão, portanto, invertidos; somos brindados com Nietzsche enquanto professor de Burckhardt ou, se assim desejar, com Burckhardt enquanto o maior pupilo de Nietzsche: aquele que entendeu o que ele queria insinuar com sua noção do dionisiaco, aquele que estava mais de acordo com ele – diferentemente do cômico Lobeck, diferentemente até mesmo de Winckelmann e Goethe, que Nietzsche, desta feita, faz perder o brilho ao colocar Burckhardt numa posição superior na ordem dos sentimentos. Burckhardt é, aqui, elogiado como “o mais profundo conhecedor da cultura [grega] hoje vivo” e, por certo, o próprio Nietzsche considerou tal elogio inequívoco o bastante para enviar-lhe uma das quatro primeiras cópias do *Crepúsculo* que ele recebera do editor (cf. KSB VIII, p. 547). Não obstante, isso se transforma numa sarcástica cortesia, já que Nietzsche consegue transformar o elogio numa *auto*-adulação afirmando que, apesar de toda a profundidade de sua sabedoria, Burckhardt ainda poderia aprender alguma coisa com ele⁽¹⁰⁾. Talvez em janeiro de 1889 Burckhardt seja o maior mestre de Nietzsche/Dioniso, mas, entretanto, Nietzsche pretende tornar público que foi ele quem ensinou ao professor quem Dioniso era, tirando, preemptivamente, o brilho da própria publicação das conferências de Burckhardt.⁽¹¹⁾ Nietzsche “despede-se” desta penúltima seção do *Crepúsculo* no papel de professor: “eu, o último discípulo do filósofo Dioniso – eu, o mestre [Lehrer] do eterno retorno” (GD/CI, “O que devo aos antigos”, 5). E, aqui, ele demonstra que também era o professor de Dioniso⁽¹²⁾.

Burckhardt como Educador

Se persistirmos na minha (segunda) questão, A quem mais Burckhardt ensina?, a outra passagem do *Crepúsculo* que trata de Burckhardt se revela realmente inequívoca em sua resposta: Burckhardt ensina os alemães. Fortuitamente, essa passagem também responde minha terceira questão, O que Burckhardt ensina? – ele ensina os alemães aquilo que lhes falta, a saber, cultura:

“O sistema inteiro de educação superior na Alemanha perdeu de vista o principal: tanto a *finalidade* como os *meios* para logr -la. Esqueceu-se de que a educa o [*Erziehung*], forma o [*Bildung*] mesma – e *não* o *Reich* –   a finalidade, que para lograr esta finalidade *educadores* [*Erziehr*] são necessários – e *não* professores de ginásio e doutos de Universidade....   preciso educadores que *tenham sido eles próprios educados*: espíritos superiores, aristocráticos, provados a cada instante, provados pela palavra e pelo silêncio, culturas que se tornaram maduras, *doces – não* os doutos grosseir es que os ginásios e a Universidade hoje oferecem, como “enfermeiras superiores”,   juventude. *Faltam*, descontadas as exce es das exce es, os educadores, *primeira* condi o prévia da educa o: *daí* o declínio da cultura alemã. – Uma daquelas raríssimas exce es   meu venerado amigo [*mein verehrungsw rdiger Freund*] Jakob Burckhardt da Basileia:   a ele, em primeiro lugar, que a Basileia deve sua preeminência humanística” (GD/CI, “O que falta aos alemães”, 5).

Tal  , pois, aquilo que parece ser mais adequado – Nietzsche está, por fim, apto a admitir que Burckhardt ensina alguma coisa a (mais) alguém. Burckhardt   um “educador” – vislumbramos, afinal, “*Burckhardt als Erzieher*” – e Nietzsche oferece-nos uma idéia bem clara do que ele entende por isso. O tema geral  , de fato, bem familiar: a educa o em seu sentido mais forte, como Nietzsche a compreende,   um fim em si mesmo e não um mero treinamento “vocacional” que prepara para alguma espécie de ocu-

pação profissional. O tipo adequado de educação requer o tipo adequado de educadores e estes, por sua vez, estão em falta na Alemanha moderna; daí (por uma ligação causal direta) o declínio da cultura alemã, o qual as mais raras exceções, os autênticos educadores como Burckhardt, estão se esforçando para reverter, mas em vão.

O problema – e decerto as formulações – é bem familiar porque pode ser detectado na *Primeira Consideração Extemporânea*, quinze anos antes, onde Nietzsche já alertava quanto aos efeitos potencialmente catastróficos da complacência para com a cultura alemã no pós-guerra franco-prussiano, sustentando que a cultura alemã precisava ser salva dos próprios alemães. Agora, no entanto, a situação é outra – especificamente, o declínio não representa mais uma ameaça no horizonte, mas um fato consumado (no entender de Nietzsche). Naquele tempo, ele alertava contra a possível “*derrota, se não a extirpação, do espírito alemão em benefício do ‘Reich Alemão’*” (DS/Co.Ext.I)⁽¹³⁾; agora, o “declínio da cultura alemã” realizou-se. A “cultura alemã” não mais existe – tal como o “espírito alemão”, ela foi “uma contradição nos termos nos últimos dezoito anos” (GD/CI, “Sentenças e setas”, 23). Não restou ninguém dentro da Alemanha para ensinar aos alemães o que significa sua cultura (*uma* cultura) e, de qualquer forma, eles já não possuem mais ouvidos para ouvir; apenas o próprio Nietzsche e Burckhardt restaram, e ambos se estabeleceram deliberadamente no exterior (na Itália e na Suíça respectivamente). Burckhardt e Nietzsche comungam o mesmo destino – exceto pelo fato de que Burckhardt permaneceu numa universidade para pregar aos inconvertíveis, o que o torna, nesse contexto particular, até mais heróico que o próprio Nietzsche.

É importante lembrar, a essa altura, que Burckhardt era um *suíço* (nascido na Basiléia numa família nobre e tradicional) que já lecionava em uma universidade *suíça* (Basiléia) havia trinta anos. Poder-se-ia pensar, então, que há algo de perverso na insistência

de Nietzsche em dizer que a tarefa de Burckhardt era ensinar os alemães. Em sua biografia de Nietzsche, R. J. Hollingdale salienta que “a Basileia era uma cidade completamente alemã e escapou por um triz de ser incorporada ao Reich”⁽¹⁴⁾; todavia, Nietzsche foi sempre absolutamente sensível no que concerne à questão dos “Povos e Pátrias” e parece nítido, a meu ver, que o importante para ele (naquela altura dos acontecimentos) era o fato de que a Basileia *não* havia sido incorporada ao Reich. Evidentemente, essa questão também não deixou de fazer efeito sobre o próprio Burckhardt, que se recusou a lecionar fora da Basileia e rejeitou cátedras oferecidas por uma série de universidades alemãs de renome, incluindo Berlim, que, em 1872, lhe ofereceu a sucessão da Cátedra de História pertencente ao seu próprio professor Ranke. Aqui, Hugh Trevor-Roper observa: “Certa vez ele escreveu, enquanto historiador, que gostaria de analisar o mundo ‘a partir de um ponto arquimediano exterior aos acontecimentos’; a Basileia seria, depois disso, a melhor coisa”.⁽¹⁵⁾ Nietzsche, no entanto, inverte tipicamente o sentido desse desprendimento em uma anotação do verão de 1878, na qual ele lembra a si mesmo de “mencionar *Keller, Burckhardt*: muito daquilo que é alemão está, no momento, melhor preservado na Suíça; aqui pode-se encontrá-lo *mais claramente preservado*” (*Fragmentos Póstumos – verão de 1878*, 30 [161]).

Para Nietzsche, o suíço tornou-se, então, mais alemão do que os alemães: a Suíça tornou-se o repositório das virtudes alemãs (cf. *Fragmentos Póstumos – primavera/outono de 1881*, 11 [249]) ao passo que os próprios alemães permanecem irresponsáveis por desperdiçarem seu legado cultural. Há de se dizer que, para alguém que não apenas trabalhou e viveu por dez anos (intermitentemente) na Basileia, Suíça de língua alemã, mas que também conheceu bem a Suisse Romande, o Ticino e passou muitos verões em Graubünden (Grison), a única parte da Suíça com uma considerável população que fala o romanche, Nietzsche apresenta

uma extraordinária propensão (para não dizer notavelmente colonialista) a homogeneizar a Suíça, a suprimir suas diferenças internas (cultural e lingüisticamente) e tratá-la como um simples posto fronteiriço da cultura alemã. É provavelmente por esse motivo que, quando vai em busca da “*delicatezza*” meridional (cf. JGB/BM 50), salta da Suíça para a Itália, ignorando o potencial dos “sulistas” no quintal da própria Alemanha. Seja como for, Burckhardt é, aos olhos de Nietzsche, perfeitamente recomendado para ensinar os alemães pelo fato de ser mais alemão do que eles próprios e por estar observando a partir de um angulo externo: cada vez que Nietzsche menciona Burckhardt no *Crepúsculo dos Ídolos* ele sublinha essa posição geográfica, referindo-se a “Jakob Burckhardt da Basiléia”.⁽¹⁶⁾ A “questão alemã” – tanto em cultura como em política, por mais irônico que pareça – doravante só pode ser um assunto de *relações exteriores*, já que não sobrou ninguém na Alemanha nem mesmo para evocá-la, quanto mais para resolvê-la adequadamente.

Burckhardt como Historiador

Burckhardt, aos olhos de Nietzsche, ensina os alemães há décadas em seu ponto privilegiado na Basiléia e, através de suas conferências e de seus textos, ensina-lhes cultura, a história da cultura (“*Kulturgeschichte*”). A outra passagem publicada na qual Nietzsche se refere a Burckhardt, a mais antiga, é também a única na qual ele realmente cita um desses trabalhos (a única passagem, em outras palavras, na qual Nietzsche realmente admite num texto publicado que aprendeu *alguma coisa* com Burckhardt). E trata-se de um exemplo um tanto pequeno – uma citação de cinco palavras de *A Civilização [Cultur] da Renascença na Itália*. Como já foi mencionado, ela aparece nas *Considerações Extemporâneas* sobre a história, especificamente na terceira seção, onde

Nietzsche expõe sua terceira categoria da “história a serviço da vida”, denominada “história tradicionalista”:

“A história ocupa, desse modo, um lugar secundário para aquele que tem o gosto pela conservação e pela veneração – para aquele que relembra o lugar de onde veio e a partir do qual foi formado com amor e fidelidade; com essa lealdade ele agradece, por assim dizer, a sua existência. [...] A história de sua cidade torna-se a sua própria história. [...] Aqui nós vivemos, ele diz a si mesmo, em defesa daqui estamos vivendo; e aqui nós iremos morar, pois nós somos fortes e não seremos destruídos da noite para o dia. Assim, com o auxílio desse “nós”, ele eleva-se além de sua própria existência transitória e individual para identificar-se com o espírito de sua casa, de sua raça, de sua cidade [*Haus-, Geschlechts- und Stadtgeist*]. Por vezes, ele até saúda a alma de sua nação [*die Seele seines Volkes*] através dos longos séculos escuros como se fosse a sua própria alma. [...] Trata-se da mesma sensibilidade, da mesma inclinação que guiou os italianos da renascença e despertou novamente em seus poetas o antigo gênio itálico para um ‘novo e maravilhoso ressoar da harpa imemorable’ [*wundersamen Weiterklingen des uralten Saitenspiels*], como diz Jacob Burckhardt (HL/Co.Ext.II 3)”⁽¹⁷⁾.

Nietzsche cita Burckhardt de modo correto, mas é claro que, com um trecho tão curto, ele corre o perigo de citá-lo fora de contexto, e acredito que é justamente isso que ele acaba fazendo – de dois modos. Em primeiro lugar, a citação, tal como ela é, pertence à seção sobre “Poesia Neolatina” na Terceira Parte do livro de Burckhardt, “O Renascimento da Antiguidade”⁽¹⁸⁾: a temática de Burckhardt neste momento é a imitação dos modelos antigos de poesia pelos poetas da Renascença; Nietzsche, por outro lado, escreve sobre uma maneira particular de se “fazer história” e sustenta, ainda assim, que os poetas da Renascença italiana – *tal como Burckhardt os apresenta* – podem ser tomados como historiadores

tradicionalistas paradigmáticos no sentido como ele (Nietzsche) descreve tal atividade. Nietzsche pode até estar satisfeito com o argumento de que a resposta mais adequada à história é uma resposta criativa e que, portanto (em última análise), os poetas se revelam melhores historiadores, mas Burckhardt certamente não está, pois, quando escreve sobre a função do *historiador*, ele explicitamente a distancia daquela do poeta. Na seção anterior do livro de Burckhardt, que versa sobre “O Tratado e a História em Latim”, ele adverte incidentalmente sobre “a suspeitosa declaração de que é função do historiador – como se ele fosse exatamente idêntico ao poeta – excitar, fascinar ou assoberbar o leitor”⁽¹⁹⁾. Em segundo lugar, a “história tradicionalista” é, para Nietzsche, claramente um meio através do qual o indivíduo pode afirmar suas “raízes”, sua sensação de pertencer a uma coletividade (um “nós”) que, em certo sentido, o define. Neste caso, aquele que perguntar “quem somos nós?” terá uma resposta bem diferente da anterior. Mas, mesmo nessa passagem, aquilo que constitui tal coletividade sofre uma sutil modificação – de “cidade” do historiador tradicionalista para “sua casa, sua raça, sua cidade” e, por fim, sua “nação” (“*Volk*”) – até o ponto em que Burckhardt é citado em “os italianos da renascença” e “o antigo gênio itálico”. Ora, Burckhardt não poderia estar mais distante de um historiador nacionalista à maneira de Ranke ou Droysen e, a ser assim, seria Nietzsche culpado por interpretar Burckhardt através das lentes distorcidas do nacionalismo do século dezanove ao qual ele, nesse momento, ainda está vinculado?

Essa idéia irá ganhar força se considerarmos o apontamento introdutório no qual Nietzsche transcreve, pela primeira vez, o texto de Burckhardt. O livro de Burckhardt foi publicado primeiramente em 1860; Nietzsche possuía duas cópias da segunda edição (1869), sendo que uma delas ele havia recebido do próprio Burckhardt⁽²⁰⁾, lendo-a pela primeira vez em 1871. Em seu caderno de anotações desse período, verificamos que esse é o *único*

trecho de um trabalho consideravelmente extenso que ele menciona, *en passant*, e no contexto de um argumento bem diferente. A anotação é a seguinte:

“Nós somos dependentes *de Roma*, do mesmo modo como Jacob Burckhardt, p. 200, descobre um novo e parcial despertar do antigo gênio itálico nos próprios poetas italianos, um *novo e maravilhoso ressoar da harpa imemorable*.

Enquanto artistas, os romanos foram decisivos para toda a posteridade até agora. Somente o espírito primitivamente germânico de Shakespeare, Bach, etc. emancipou-se deles. O seu humanismo é o contrapeso de sua arte” (*Fragments Póstumos – 1871*, 9[143]).

Deixando de lado o problema do “espírito primitivamente germânico de Shakespeare”, o qual eu já discuti em outra ocasião⁽²¹⁾, Nietzsche está, aqui, evidentemente disposto a citar o texto de Burckhardt em vista de sua preocupação particular com o destino da cultura nacional alemã – ele está, afinal de contas, interpretando Burckhardt no sentido de *O Nascimento da Tragédia* – por conseguinte, é muito pouco surpreendente se no ensaio sobre história ele imprimir (mesmo que inconscientemente) uma aparência nacionalista a Burckhardt. Em todo caso, Burckhardt não chegou a se reconhecer no papel de camafeu que Nietzsche, ali, lhe conferiu – na carta que escreveu a Nietzsche a propósito da leitura do ensaio de história ele sublinha: “Sua amigável citação na p. 29 deixa-me constrangido; ao lê-la, parece-me que a imagem não é, ao final, inteiramente a minha e que Schnaase bem que poderia ter se expressado semelhantemente uma ou outra vez. Bem, eu espero que ninguém a faça ser lembrada” (Burckhardt 4, p. 158).

Até aqui, portanto, sem muito sinal de Burckhardt enquanto o grande mestre dos alemães. No ensaio sobre história, Nietzsche cita uma extensa gama de escritores com aprovação – Goethe, Grillparzer, Schiller, Shakespeare, Wagner, Wackernagel, Hume,

Leopardi, Swift – e, no entanto, concede a Burckhardt apenas cinco palavras, as quais até o próprio Burckhardt não reconhece depois que Nietzsche as encerra. Por que Nietzsche poderia querer fazer isso – ser tão ingrato com alguém que ele evidentemente considerava com tanto respeito (e que queria, acima de tudo, *impressionar*, tal como um colega vinte e seis anos mais jovem)? Tenho duas sugestões: em primeiro lugar, ele talvez não seja, afinal de contas, tão respeitoso com Burckhardt (nesse período). Lembremos que o motivo pelo qual Nietzsche escreveu esse ensaio foi, antes de mais nada, a profunda insatisfação com os historiadores contemporâneos e com a historiografia tal como ela era comumente praticada. Em seus últimos escritos, na medida em que se torna publicamente mais e mais francófilo, ele irá manifestar uma certa consideração por Taine (sobretudo por Taine ter elogiado *O Caso Wagner*), mas, ainda assim, ele conta ser áspero com Michelet e Renan; no que diz respeito aos historiadores alemães, ele permanece coerentemente depreciativo durante toda a sua carreira – zanga-se com Ranke e rejeita Treitschke (sem mencionar sua aversão por Hegel). Ora, Burckhardt parece sempre fazer frente a essa tendência – Nietzsche parece exibi-lo como a face aceitável da historiografia alemã do século dezenove (precisamente porque ele não é alemão)⁽²²⁾ –, apesar disso, acredito que a possibilidade se manifesta, ao menos, na passagem da *Segunda Consideração Extemporânea*, a “correção” de Burckhardt por parte de Nietzsche, momento em que Nietzsche também está desapontado com ele e o encara como um historiador inadequado que *necessita* ser corrigido, necessita justamente que Nietzsche o interprete convenientemente.

Não é fortuito, no meu entender, que Nietzsche cite Burckhardt na seção de seu ensaio que trata da história tradicionalista – seria ele próprio um historiador tradicionalista aos olhos de Nietzsche, isto é, *meramente* um historiador tradicionalista e não o um historiador completo? Fica claro, em tal parágrafo da argu-

mentação de Nietzsche, que a história tradicionalista, mesmo em isolamento, tem muito a recomendar quando praticada corretamente (Nietzsche critica, sobretudo, aquilo que ela se torna quando degenera). O problema da história tradicionalista tomada isoladamente das outras espécies, todavia, é que ela possui uma tendência ao estéril, à nostalgia elegíaca, a buscar na história não uma inspiração (do futuro) em direção à uma criação radicalmente nova no presente, mas mais exatamente um conforto, uma reafirmação – face ao presente desorientado – de que o presente e o passado formam, afinal, um *continuum* espiritual uniforme. Existem, por certo, anotações não publicadas de Nietzsche que apontam para essa direção no que diz respeito a sua visão do colega mais velho, apresentando Burckhardt como um pessimista schopenhaueriano não conformado.⁽²³⁾ Isso deixaria Nietzsche com a função de “superar” Burckhardt (do modo como ele “superou” Schopenhauer) utilizando a história tradicionalista a serviço de sua própria criatividade e o destino da história tradicionalista de Burckhardt seria, em última análise, colocar-se a serviço da vida de *Nietzsche*.⁽²⁴⁾

Se isso soa um tanto injusto com Burckhardt e com seu empreendimento, então acredito que Nietzsche é, por vezes, simplesmente injusto com ele – naqueles momentos em que, acometido pela soberba, ele persuade a si mesmo de que Burckhardt constitui meramente alguma espécie de matéria-prima que ele pode utilizar para criar seus próprios artefatos, a começar, antes de mais nada, pelo equívoco criativo que é a sua própria imagem de Burckhardt. Mas tal é, mais uma vez, o procedimento usual de Nietzsche: ser injusto com alguém por ver muito de si mesmo nos outros constitui a atitude mais “respeitosa” de Nietzsche para com *qualquer pessoa*, a forma de “referência” de Nietzsche. Minha segunda leitura da má interpretação que Nietzsche faz de Burckhardt no ensaio sobre história é, pois, aquela que serve de padrão, a de uma rivalidade agonística com aqueles que ele se sente mais próximo⁽²⁵⁾: Nietzsche dá um tratamento severo a Burckhardt

precisamente porque percebe ele está invadindo os limites de seu próprio território, de sua própria tarefa (que inclui, ironicamente, a investigação do fundamento agonístico da própria cultura grega). Mas, em um certo sentido, Burckhardt não representa qualquer concorrência para Nietzsche (nessa etapa do desenvolvimento de sua construção), pois, como vimos, Burckhardt não é um alemão mas um suíço e, nesse momento, Nietzsche/alemão entende que é preeminentemente sua a tarefa de solucionar o problema da cultura alemã.⁽²⁶⁾ Nessa fase, Nietzsche ainda acredita na possibilidade da cultura alemã curar-se *através dele* – com uma pequena ajuda de seu amigo Wagner, é claro. Burckhardt, de sua parte, pode escrever livros sobre a história cultural da Itália o tanto que quiser, contanto que ele mantenha distância da Alemanha, que é o território de Nietzsche. De qualquer forma, Nietzsche não é um historiador da cultura, mas um *crítico* da cultura com um interesse imediato sobre o *futuro* da cultura alemã – eles são como água e vinho.

Se *isso* assemelha-se em demasia com uma dissimulada “lógica de chaleira”⁽²⁷⁾, então eu seria obrigado concordar, pois o que é *O Nascimento da Tragédia*, por exemplo, senão um trabalho de história da cultura? E já que Burckhardt criou, antes de tudo, a própria disciplina história da cultura (basicamente através da própria *Die Cultur der Renaissance in Italien*, que veio à luz quando Nietzsche ainda usava calças curtas), é possível dizer que ele trouxe à luz o empreendimento de Nietzsche (neste período de sua carreira). A pequena e explícita mal interpretação de Nietzsche acerca de Burckhardt em seu ensaio de história consiste, eu afirmaria, meramente num indício daquilo que J. P. Stern descreve como “o *agon* semiconfesso de Nietzsche com seus antecessores”⁽²⁸⁾ e ela esconde uma enorme dívida (tácita) para com Burckhardt nesta fase – a dívida que Nietzsche irá derradeiramente saldar apenas em janeiro de 1889. O que Nietzsche deve a Burckhardt é, em última análise, o próprio conceito de cultura – ele não permitirá

que Burckhardt ensine aos alemães muita coisa por conta própria (cinco palavras, para ser preciso), mas não há necessidade, pois Nietzsche irá se encarregar disso para ele. A “influência” de Burckhardt sobre Nietzsche não deve ser encontrada lá onde Nietzsche procura confessá-la, mas justamente onde ela está disfarçada, onde ele voluntariamente torna-se o assistente de ensino de Burckhardt.

O Conceito de Cultura

Tendo considerado Burckhardt como historiador, estamos de volta com Burckhardt como educador. Desta vez, como o maior mestre de Nietzsche, como aquele que pessoalmente lhe ensinou a mais importante lição, o que é uma cultura. Pode parecer um pouco tarde para lançar a pergunta, mas o que é uma cultura? Mais precisamente, o que Nietzsche entende por uma cultura? Vimos como Nietzsche define-a negativamente (como aquilo que falta aos alemães); como ele define-a positivamente? “Cultura é, antes de tudo, unidade de estilo em todas as expressões da vida de um povo” (DS/Co.Ext.I 1). Cultura é, em outras palavras, uma obra de arte orgânica e coletiva, e este é, eu diria, o conceito de cultura (“*Kultur als Kunstwerk*”) que Nietzsche “herda” de Burckhardt. Rigorosamente dizendo, cultura é uma meta-obra de arte que engloba todas as outras formas díspares de arte e as transcende. Cultura, se assim quiser, é – como a própria vida –, um patrimônio emergente, exceto que ela não é um patrimônio; cultura não é, tal como os bens materiais, algo que se possui ou que pode ser adquirido, é aquilo que se *é* (e sem ter conhecimento disso – uma cultura auto-reflexiva é uma contradição nos termos). Foi isso o que os alemães irremediavelmente confundiram: toda a problemática de Nietzsche a propósito do “filistinismo cultural” (“*Bildungsphilisterthum*”) é que quando nos vangloriamos de nossa cultura e acreditamos sermos “cultos”, precisamente *não* o somos. Para

parafrasear *Coríntios* I 13, “a cultura não gaba de si mesma, não é envaidecida”; cultura não consiste, digamos, numa coleção de CDs “clássicos” ou mesmo numa assinatura do *Journal des Débats*. Cultura é uma maneira de ser.

Há, aqui, uma infinidade de implicações e eu devo concluir observando apenas uma, a mais premente no contexto desta minha investigação: se cultura é uma maneira de ser, como ensiná-la? Será que é possível ensiná-la? Deve ser possível, já que, como afirmei acima, Burckhardt ensinou Nietzsche o que é uma cultura, mas como Burckhardt ensinou Nietzsche isso tudo? Voltemos ao trecho do *Crepúsculo dos Ídolos* no qual Nietzsche comenta: “É preciso educadores que *tenham sido eles próprios educados*: espíritos superiores, aristocráticos, provados a cada instante, provados pela palavra e pelo silêncio, culturas que se tornaram maduras, *doces [reife, süß gewordene Culturen]*” (GD/CI, “O que falta aos alemães”, 5). Existem, ao que parece, dois tipos de cultura – a coletiva, a qual até então eu tenho descrito, mas também a individual. Burckhardt, enquanto educador, não ensinou apenas cultura – ele *era* uma cultura, uma cultura “madura” ou “experimentada” que se “tornou *doce*” e pôde ensinar por ser uma cultura, uma fruta nutritiva⁽²⁹⁾. Como uma tal “ontopaideia” poderia, precisamente, ser caracterizada? Lembremos que Nietzsche foi uma pessoa privilegiada, já que não teve simplesmente que ler os livros de Burckhardt para descobrir, em segunda mão, o que era uma cultura, de modo que ele podia, portanto, empregá-la como uma espécie de padrão comparativo de culturalidade em relação aos alemães (depois que ele chegou a Basileia ele teria tido, de qualquer forma, um trabalho fazendo isso, já que Burckhardt não publicou nada entre 1867 e a sua morte trinta anos depois)⁽³⁰⁾. Nietzsche também conhecia Burckhardt pessoalmente – ele tinha, em seu entender, um contato direto com a cultura que Burckhardt representava. Lamentavelmente, ele próprio não podia fazer parte de uma cultura viva (coletiva) – viver, digamos, na Grécia antiga ou

na Itália renascentista – mas podia, ao menos, observar de muito perto o que realmente era uma cultura num indivíduo (em Wagner igualmente, é claro). Se cultura é uma totalidade (de ser), então ela carece de exibição e não (apenas) de descrição; se educação é “*Bildung*” (uma “*bildende Kunst*”), a melhor forma de educação é a demonstração de uma “*Kulturbild*”, uma imagem da totalidade. Essa atração por um modo (goethiano) de “*Anschauung*”⁽³¹⁾ dá sustentação ao modelo de Burckhardt do *Cicerone*, mas também sustenta o modelo de educação de Zaratustra – “esse foi o meu modo; mostre-me o seu” (cf. *Za/ZA I*, “Da virtude que dá”)⁽³²⁾.

Nietzsche manteve contato com Burckhardt de vários modos: em primeiro lugar, ele assistiu a algumas de suas conferências e registrou diversas observações em seus cadernos de anotações. O que ele aprendeu a partir delas além daquilo que ele poderia ter aprendido com livros de Burckhardt? Sabemos o que Burckhardt esperava que ele aprendesse a partir do credo pedagógico que incluiu na carta a respeito da recepção da *Segunda Consideração Extemporânea*: “Enquanto professor e conferencista eu posso assegurar, entretanto, que nunca ensinei história em benefício daquilo que se esconde sob o pretensioso nome “história mundial”, mas essencialmente enquanto um assunto propedêutico[...]. Fiz tudo o que pude para induzir [meus alunos] a adquirirem uma posse pessoal do passado – sob qualquer aspecto e formato – e, pelo menos, não aborrecê-los com isso” (Burckhardt 4 p. 158). De fato, uma proposta muito modesta, uma aspiração negativa, a qual Nietzsche responde de seu modo inimitavelmente e imodestamente afirmativo. Ao ouvir a conferência de Burckhardt “A grandeza da História” em novembro de 1870, Nietzsche escreve a Gersdorff: “Pela primeira vez obtive prazer com uma conferência – é do tipo que eu poderia realizar se eu fosse mais velho” (KSB III, p. 155). Ele irá sempre orgulhar-se da eficácia de seu próprio ensino⁽³³⁾ e é a partir do estilo de preleção de Burckhardt que Nietzsche aprende como lecionar.

Eros Paidagogos

Nietzsche obtém prazer com a conferência de Burckhardt porque ela lhe revela a visão daquilo que ele mesmo poderá se tornar, em outras palavras, ela encanta o seu amor-próprio, seu *amour-propre*. Essa é a única maneira pela qual a verdadeira educação pode funcionar para Nietzsche: de que outra forma um educador que educou a si próprio para educar outra pessoa (Nietzsche) a *se* educar pode ser? A verdadeira educação inspira prazer (narcisístico): é uma questão de inspiração, a transmissão de um amor (entre *amateurs*) – não se trata de uma atividade cognitiva, mas afetiva. E Nietzsche desenvolve isso num sentido muito preciso, eu diria. Em seu primeiro parecer de desenvolvimento enviado a Ritschl, seu mentor acadêmico logo que começou na Basileia, ele escreve sobre suas aulas no ginásio local: “Quando lemos o *Fédon* eu tenho a chance de infectar meus alunos com filosofia” (KSB III, p. 7). O “Nietzsche infeccioso” desenvolve, aqui, uma noção do *eros* da educação que traz consigo um conceito de cultura um tanto diferente daquele que nos deparamos até agora: “cultura” no sentido biológico de um vírus de laboratório contagioso.⁽³⁴⁾ Que se esqueça o *mens sana in corpore sano*; o que temos aqui é uma subversão “decadente” da noção platônica de educação como sedução, como inseminação (plantar a “semente da sabedoria”, agri-cultura)⁽³⁵⁾, em direção à educação enquanto doença venérea, educação enquanto administração de um *pharmakon*, uma dose de in-sanidade. Um avanço decisivo – profeticamente irônico no contexto da incurabilidade da doença do próprio Nietzsche – é que o propósito básico de tal transmissão é o da inoculação, fazer com que os anticorpos do corpo contra-ataquem e vençam o corpo estranho (pois a cultura deve sempre começar pelo corpo – GD/CI, “Incurções de um extemporâneo”, 47).⁽³⁶⁾

Poder-se-ia insistir, porém, que Burckhardt e Nietzsche não eram tão íntimos assim – eles eram apenas bons amigos! Ao con-

trário, Nietzsche revela a Rohde em uma carta de maio de 1876: “Agora estou com ele todos os dias; nossas relações são as mais íntimas [*im vertrautesten Verkehre*]” (KSB V, p. 161). O relacionamento fantasmático de Nietzsche com Burckhardt converte-se, no limite, numa afeição pedagógica modelada a partir da antiga pederastia grega. Apesar de que, mesmo neste caso, ele pretende inverter os papéis e ensinar seu professor: ele começa a carta salientando o quanto o novo livro de Rohde, *O Romance Grego e o Seus Precursores*, irá ensinar a ele e a Burckhardt, mas aí, caracteristicamente, muda de posição a fim ressaltar o que ele pode ensinar aos dois. Especificamente, ele alega que Rohde subestimou gravemente a importância da paixão pederástica para os antigos gregos, a base da noção de “educação masculina” [*Männererziehung*]: “espanta-me que você tenha evitado intencionalmente toda a temática; J. Burckhardt também nunca fala a esse respeito em suas conferências”. Burckhardt talvez tenha aprendido com Nietzsche a natureza do dionisiaco, mas ele ainda tinha de aprender esta outra intuição (*insight*) crucial: tanto ele como Rohde passam ao largo do amor que não ousa dizer o seu nome e cabe a Nietzsche esclarecer os dois (como sempre, Burckhardt fornece o exemplo que Nietzsche, por conseguinte, teoriza). Montinari mostra quão parecido é o conceito de esclarecimento de Nietzsche com o conceito de cultura de Burckhardt, mas ele esquece de mencionar que, em alemão, “*Aufklärung*” também significa educação sexual.⁽³⁷⁾

Apesar de Burckhardt não ter prestado atenção aos excessos da imaginação erótica de Nietzsche, ele não podia ignorar os diversos protestos de amor amistoso (*philia*) de seu colega mais novo, que constituía, no entender de Nietzsche, o mais elevado de todos os amores (cf. FW/GC, 14). Mas Burckhardt e Nietzsche chegaram a ser bons amigos? Nietzsche certamente superestimou a afeição de Burckhardt por ele, sobretudo depois que eles haviam ultrapassado o período inicial de contato relativamente assíduo no

início de 1870, pois daí em diante Burckhardt fez-se seguidamente de surdo diante das súplicas de Nietzsche⁽³⁸⁾. Burckhardt torna-se, eu diria, um dos “amigos imaginários” de Nietzsche, tal como aqueles que ele admite (no prefácio de *Humano, Demasiado Humano*) ter invocado para o acompanhar nos anos de solidão e que se chamavam “espíritos livres” (cf. MAI/HH I, Prefácio). Quando não possui muitos amigos na “vida real” (no final de 1870, por exemplo, depois que abandonou o círculo de Wagner), Nietzsche inventa alguns; mesmo quando possui outras amizades (como no período inicial da Basileia), ele imagina que Burckhardt seja um amigo íntimo, pois a relação de amizade (competição e rivalidade) é de fundamental importância para ele, para sua “auto-superação dinâmica”, e ter um homem tal como este enquanto amigo (*um tal “Vorbild”*; *em uma tal* distância) representa o maior desafio, o desafio do “*Fernstenliebe*” (o amor do mais distante – cf. Za/ZA I, “Do amor ao próximo”). A transmissão da infecção educacional é uma *actio in distans*; no que diz respeito a Nietzsche e Burckhardt, o *pathos* de tal distância atinge sua culminância exatamente no final da carreira de Nietzsche – tanto no sentido não técnico (a carta “patética” que Nietzsche escreve a Burckhardt implorando por “uma única palavra” em resposta ao *O Caso Wagner* [KSB VIII, p. 420f.] e que permanece não respondida) como no sentido técnico de Nietzsche, a distância resiste à aproximação até o final. Inclusive Deus necessita de um educador, mas, no frenesi narcisístico de *Ecce Homo*, Nietzsche eliminou todos os outros candidatos em potencial: Schopenhauer e, em especial, Wagner, é claro, que ele simplesmente classifica para si mesmo como antigas “máscaras” das quais se livrou. Até mesmo Ritschl, “meu velho professor Ritschl” (EH/EH “Por que escrevo tão bons livros” 2), “o único erudito genial que até hoje me foi dado encontrar” (EH/EH “Por que sou tão inteligente” 9), que aqui é caracterizado como alguém que possuía “essa agradável corrupção [*Verdorbenheit*] que nos distingue, a nós turingios”. Ritschl é uma

fruta que se tornou nociva com o clima corruptor da Alemanha central, mas Jacob Burckhardt na Basileia, tal como uma “cultura madura que se tornou doce”, está perenemente propício para a colheita e resiste até o fim à subsunção, à *consumpção*, escapando eternamente ao alcance de Nietzsche/Dioniso – o grande provocador, o maior tormento para professores.

Epílogo: Despedida

Na última carta de Nietzsche a Burckhardt, que data de 6 de janeiro de 1889, algo finalmente se altera. Como vimos no início, a veneração de Nietzsche a Burckhardt ainda está em evidência aqui – encontra-se, de fato, intensificada, já que ele retorna ao modo formal de tratamento de suas mensagens iniciais. Nietzsche dirige-se novamente ao seu professor predileto como “Herr Professor”, utilizando a forma “Sie” – como se procurasse retratar a familiaridade impertinente da mensagem anterior – e escreve-lhe explicitamente com aspecto de um estudante (“Tenho mantido um pequeno quarto de estudante para mim”; “Vou a todos os lugares com meu sobretudo de estudante” – KSB VIII, p. 578f.). Ademais, essa deferência ainda contém um quê de afeto – mais uma vez, numa quantidade ainda maior do que na sua mensagem anterior. Ele inicia com “Querido Professor” (“Lieber Herr Professor”) e despede-se dizendo “com afetuosos carinho” (“In herzlicher Liebe”); entretanto, ele ainda desempenha o papel do bufão jocoso e o espírito de bonomia é enfatizado na medida em que imagina Burckhardt o visitando para um bate-papo em Turim: “teremos uma agradável, amável conversa juntos, Turim não é longe, não temos obrigações profissionais muito rigorosas e uma taça de Veltliner [o vinho tinto predileto de Burckhardt] poderia ser facilmente providenciada” (KSB VIII, p. 579). Ele diz a Burckhardt que está “pondo fim a todos os anti-semitas”, apesar de não permitir que o anti-semitismo do próprio Burckhardt se intrometa entre

eles⁽³⁹⁾, tal como ele havia anteriormente se enganado ao pressupor que Burckhardt era um wagneriano. De fato, pelo tom da carta obtém-se exatamente a impressão dos velhos dias do primeiro período dos dois juntos na Basiléia – quando foram ao encontro um do outro, por exemplo, em maio de 1871 para compadecerem-se da notícia (errônea) de que o Louvre havia sido incendiado durante a Comuna de Paris⁽⁴⁰⁾, ou, então, quando celebraram juntos os “ritos demoníacos” na sala de Burckhardt mais tarde naquele ano (KSB III, p. 244; KSB III, p. 248).

A diferença está, no entanto, em que Nietzsche-Deus também insiste nesta última carta que Burckhardt não pode mais lhe ensinar nada. Escrevendo em nome de Alessandro Antonelli, arquiteto da Mole Antonelliana em Turim⁽⁴¹⁾, ele solicita a apreciação de Burckhardt de sua obra e assegura-lhe que “deve ser crítico o tanto que quiser”, mas acrescenta a cláusula: “eu ficarei grato, sem prometer que farei qualquer uso disso. Nós artistas somos ineducáveis [*Wir Artisten sind unbelehrbar*]” (KSB VIII, p. 579). Já no final, portanto, Nietzsche rompe o vínculo pedagógico com Burckhardt e reivindica, enquanto um artista divino, a prerrogativa de ser seu próprio professor: ele escreve a última carta de todas ao seu maior professor para demonstrar que aprendeu todas as lições que sempre quis, pois agora ele próprio se tornou maduro para sua tarefa (KSB VIII, p. 515)⁽⁴²⁾. “Retribui-me mal um professor quando se permanece sempre e somente discípulo”, falava Zaratustra (Za/ZA, “Da virtude que dá”, 3); Nietzsche assina sua última carta não como “Dionísio” ou “O Crucificado” (ou, neste caso, “Zaratustra”), mas simplesmente “Nietzsche” uma vez mais (KSB VIII, p. 579): em seu adeus, ele finalmente revela-se por inteiro.

Notas

- (1) Cf. Lampert 22, pp. 65-81.
- (2) Naquele mesmo dia, 4 de janeiro de 1889, Nietzsche também escreve a Hans von Bülow (KSB VIII, p.573f.) e a Malwida von Meysenbug (KSB VIII, p. 575). Dirige-se a cada um deles por meio de seus nomes cristãos e soletra-os erroneamente (“Hans”, “Malvida”). Apesar disso, as duas ortografias do nome “Jacob/’ Jakob” eram efetivamente intercambiáveis nesse período: Burckhardt, de sua parte, preferia “Jacob” (a alternativa mais arcaica), mas até em seus próprios livros seu nome poderia ser “normalizado” pelos editores. Assim, a edição póstuma de Jacob Oeri das conferências de seu tio sobre história cultural grega foi publicada, pela primeira vez, como Jakob Burckhardt, *Griechische Kulturgeschichte*. ed. Jakob Oeri, 4 vols, Berlim/Stuttgart, Spemann, 1898-1902. Todas as cartas de Burckhardt a Nietzsche que foram preservadas estão assinadas simplesmente como “J Burckhardt” (cf. Burckhardt 3, II/4, pp. 395, 543; II/6/2, p. 1071; III/2, pp.178, 289, 396; III/4, p. 222); nos cadernos de notas, nas cartas e na obra publicada de Nietzsche a ortografia “Jakob Burckhardt” é predominante, mas, ocasionalmente, ele também usa a forma “Jacob” (cf. VII 9[143]; VIII 10[14]; VIII 22[81]; KSB V, p.54; HL/Co. Ext.II 3).
- (3) Foram preservadas sete cartas de Nietzsche a Burckhardt. Na primeira, de agosto de 1882 (KSB VI, p.234f.), Nietzsche já começa problematizando a maneira pela qual deve se endereçar: “Agora, meu muito honrado amigo [*mein hochverehrter Freund*] – ou, como eu poderia chamar o senhor [Sie]?” Depois disso, ele opta principalmente por “Hochverehrter Herr Professor” (KSB VI, p. 371; KSB VII, p.254; KSB VIII, p.420), ou então, “Verehrtester lieber Herr Professor” (KSB VIII, p.198) e, na última carta de 6 de janeiro de 1889, “Lieber Herr Professor” (KSB VIII, p.577).
- (4) Nietzsche, Friedrich. *Twilight of the Idols; or, How to Philosophize with a Hammer*. trad. Duncan Large, Oxford/Nova Iorque, Oxford University Press, 1988; *Ecce Homo: how One Becomes What One Is*. trad. R. J. Hollingdale, 2º ed., Harmondsworth/Nova Iorque, Penguin, 1992. Hollingdale traduz, de fato, como “*sagaz* Leopold von Ranke”: eu tenho modificado as publicações inglesas quando necessário, incluindo a minha.
- (5) Eu discordo, a ser assim, de Paul Valadier, que sustenta que Nietzsche está, aqui, vestindo uma máscara irônica, que ele (simplesmente) “vestiu o uni-

forme de estudante perante Burckhardt, ‘nosso maior mestre’” (Valadier 40, p.252).

- (6) Acerca do modelo nietzschiano de educação em *Schopenhauer como educador*, cf. Kofman 14, pp. 337-71; Schacht 37, pp. 153-66 e Breazeale 1, 1-25 (em especial pp. 17-20).
- (7) Na edição Colli-Montinari, das treze cartas que datam ou foram redigidas por volta de 4 de janeiro de 1889 (KSB VIII, pp. 573-7), sete estão assinadas “Dionysos” e seis “Der Gekreuzigte” (“O Crucificado”). Mesmo enquanto Deus, Nietzsche reúne a divindade pagã e a divindade judaico-cristã na relação agonística indicada pelas palavras finais de *Ecce Homo* (EH/EH “Por que sou um destino” 9). Cf. Kofman 15, pp. 51-70.
- (8) Cf. Kofman 17, pp. 144-57.
- (9) Nietzsche, Friedrich. “Assorted Opinions and Maxims”. in *Human, All Too Human: A Book for Free Spirits*, trad. R. J. Hollingdale, Cambridge/Nova Iorque, Cambridge University Press, 1986.
- (10) No início de 1870, enquanto Burckhardt preparava suas conferências sobre história cultural grega e examinava o material com Nietzsche, a fala do filósofo alemão era bem diferente: em cartas a Rohde de dezembro de 1871 (KSB III, p. 257) e fevereiro de 1872 (KSB III, p. 294) ele sublinha, de maneira bem outra, o quanto alguém/ele é capaz de *aprender* com Burckhardt. Cf. também o *captatio benevolentiae* extraordinariamente respeitosa na dedicatória a Burckhardt que Nietzsche elabora em 1877 para *Humano, Demasiado Humano* (VIII 22[81]): “Jetzt schon kost’ ich des Glücks, dass ich dem Grösseren nachgeh’, / Wenn er des goldnen Ertrags eigner Planzung sich freut” (“Agora finalmente eu posso saborear a felicidade de seguir o maior de todos, / Se o fruto dourado de sua própria plantação agradá-lo”).
- (11) Burckhardt proferiu as conferências pela primeira vez durante o inverno de 1872 e repetiu-as em 1874, 1878 e 1885. Nietzsche recebeu duas transcrições feitas por alunos *dele*, Adolf Baumgartner e Louis Kelterborn (cf. KSB V, p.58), e escreveu sucessivamente ricos comentários em ambas; ele levou os manuscritos de Kelterborn a Sorrento em 1876 e estudou-os em dezembro, depois que os Wagner haviam partido junto com Malwida von Meysenbug, Paul Rée e Albert Brenner (cf. Janz 13, 1:749). No verão de 1878, ele finalmente assistiu às conferências de Burckhardt pessoalmente e fez anotações adicionais. Apesar de Burckhardt ter feito uma cláusula em seu testamento para que as conferências fossem destruídas, elas foram, não obstante, publicadas logo após a sua morte por seu sobrinho Jacob Oeri (cf. nota 2). Para maiores detalhes acerca da história da

publicação, cf. a Introdução de Oswyn Murray ao compêndio recentemente publicado em inglês: Jacob Burckhardt. *The Greeks and Greek Civilization* (Burckhardt 5, pp. xi-xliv). Na versão publicada, Burckhardt cita Nietzsche diversas vezes ao referir-se aos argumentos de *O Nascimento da Tragédia* (cf. Burckhardt 2, 7:192nn. 412f.; 7:221n. 490; 7:226n. 502; 8:375n. 320); ele refere-se novamente ao *O Nascimento da Tragédia* em *Reflexões sobre História* (cf. Burckhardt 2, 4:55), publicado postumamente.

- (12) Cumpre ter em mente que os subtítulos de *Crepúsculo dos Ídolos* (“Como filosofar com o martelo”) e de *Ecce Homo* (“Como tornar-se o que se é”), os situam enquanto manuais de instrução, guias de auto-ajuda.
- (13) Nietzsche, Nietzsche. “David Strauss, The Confessor and Writer”. in *Untimely Meditations*, trad. R. J. Hollingdale, Cambridge/ Nova Iorque, Cambridge University Press, 1983.
- (14) Hollingdale 12, p. 50.
- (15) Trevor-Roper 39, p. 365. O próprio Burckhardt comentou: “Eu não teria ido para Berlim por qualquer preço; deixar a Basileia traria uma maldição para mim” (Burckhardt 4 p. 152). Alguns meses antes, Nietzsche rejeitou similarmente a cátedra que lhe fora oferecida em Greifswald (cf. KSB III, pp. 277f., 282, 283f.) e sua irmã Elisabeth presume que um dos principais motivos da rejeição foi um desejo de se manter próximo a Burckhardt (cf. *Friedrich Nietzsches Gesammelte Briefe*, 5 vols, Leipzig, Insel, 1902-9, 3:165). Janz (1:451f.) afirma, de modo mais plausível, que permanecer numa distância incrível dos Wagner em Lucena representava um motivo mais importante.
- (16) A Basileia constitui, evidentemente, uma das preocupações de Nietzsche nesse último período e a importância de manter sua própria reputação neste local também transparece em suas derradeiras cartas, muitas das quais são endereçadas aos amigos de lá. Afora as duas últimas cartas a Burckhardt, no mês que antecede o seu colapso final ele escreve diversas vezes a Franz Overbeck e a Carl Spitteler, e, pela primeira vez desde 1887, retoma sua correspondência com Andreas Heusler. Ele diz a Overbeck que irá enviar cópias do *Crepúsculo* à várias pessoas e instituições da Basileia a fim de provar que não é “estúpido” (KSB VIII, p. 547) e sua última carta (a Burckhardt) termina com a injunção: “Você pode fazer o uso que quiser desta carta, desde que não faça com que as pessoas da Basileia me desconsiderem” (KSB VIII, p.579).

- (17) Nietzsche, Friedrich. “On the Uses and Disadvantages of History for Life”. in *Untimely Meditations*, trad. R. J. Hollingdale, Cambridge/Nova Iorque, Cambridge University Press, 1983.
- (18) Cf. Burckhardt 6, p. 163: “somente na Itália as duas condições principais que eram necessárias ao desenvolvimento e à perpetuação da poesia neolatina estavam presentes: um interesse geral sobre o tema por parte das classes instruídas e um novo despertar do velho gênio italiano entre os próprios poetas – o maravilhoso eco de uma harpa longínqua [*ein wundersames Weiterklingen eines uralten Saitenspiels*]” (Burckhardt 2, 3: 171).
- (19) Burckhardt 6, p. 155; Burckhardt 2, 3: 162.
- (20) Cf. Oehler 35, p.31.
- (21) Cf. Large 19, pp 45-65 e, em especial, pp. 49-51.
- (22) Cf., por exemplo, VIII 5[58] (primavera-verão de 1875): “onde estão os historiadores cuja visão das coisas não é dominada pela estupidez geral? Eu sou capaz de ver apenas um – Burckhardt”.
- (23) Cf. especialmente VIII 10[14] (verão de 1875): “Aqueles que se mantêm sob o controle, fora do desespero, como Jacob Burckhardt”.
- (24) Oswyn Murray interpreta o ensaio de história de Nietzsche como “uma declaração de rejeição de tudo o que Burckhardt havia defendido em tais conferências [sobre filosofia da história]” (Burckhardt 5, “Introdução”, p. xxviii), concluindo que “do ponto de vista de Nietzsche, [Burckhardt] pertencia a uma cultura historicista que deveria ser destruída” (p. xxx). Cf. também Löwith 23, pp.35-51, onde assevera que: “o verdadeiro oponente de Burckhardt é e permanece sendo *Nietzsche*, cujo trabalho *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* levanta uma questão acerca do ‘historicismo’ de Burckhardt” (p.10).
- (25) Cf., por exemplo, VIII 6[3] (verão de 1875): “Simplesmente para admitir o fato: Sócrates é tão próximo a mim que eu luto com ele quase que continuamente” (Nietzsche 32, p. 127).
- (26) Acerca da política nacionalista das primeiras conferências de Nietzsche *Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino*, cf. Derrida 7, pp. 21-38.
- (27) Nietzsche 30, “Introdução”, pp. vii-xxxii (p. xiv).
- (28) Cumpre lembrar, a propósito desse contexto culinário, a outra descrição que Nietzsche faz de Burckhardt no *Crepúsculo* como um “*connoisseur*” cultural (GD/CI, “O que devo aos antigos”, 4): o termo usado (“*Kenner*”) significa, em linhas gerais, alguém que “conhece as suas cebolas”, mas o contexto mais comum é o do “aficionado por vinho” (“*Weinkenner*”),

que é peculiarmente apropriado para alguém que Nietzsche acredita ter compreendido corretamente o dionisíaco na Grécia antiga. No que diz respeito à cultura, é preciso ter uma para conhecer alguma.

- (29) A preferência de Burckhardt pelas aulas em relação às publicações se manifesta mais claramente em sua carta a Bernhard Kugler de 5 de outubro de 1874: “na minha experiência, a autoria acadêmica é um dos *métiers* mais mórbidos do mundo, enquanto o mero ensino (por mais complicado que seja e por mais circunstanciais que devam ser os preparativos e as pesquisas) é um dos mais sadios” (Burckhardt 4, p. 161).
- (30) Cf. a carta de Burckhardt a Willibald Beyschlag de 14 de junho de 1842: “Eu não consigo fazer nada se não começar a partir da contemplação [*Anschauung*]” (Burckhardt 4, p.73). E sua carta a Nietzsche de 5 de abril de 1879: “Eu nunca penetrei, como bem se sabe, no Templo do pensamento genuíno, mas deleitei-me em toda a minha vida nos corredores e no átrio do Peribolo, onde a imagem [*das Bildliche*], no sentido mais amplo da palavra, reina” (Burckhardt 4, p.187). Sobre Burckhardt e Goethe, cf. Heller 11, pp. 39-54.
- (31) Nietzsche, Friedrich. *Thus Spoke Zarathustra: A Book for Everyone and No One*. trad. R. J. Hollingdale Harmondsworth/ Nova Iorque, Penguin, 1961.
- (32) Cf. EH/EH “Por que sou tão sábio” 4: “Nos sete anos em que ensinei grego à classe mais adiantada do *Pädagogium* da Basileia, não tive ocasião para impor castigo; os mais relapsos eram industriais comigo”. O próprio Burckhardt falou sobre as aulas de Nietzsche com admiração e isso tornou-se uma sucessiva fonte de grande orgulho para ele. Numa carta a Arnold von Salis de abril de 1872, Burckhardt descreve Nietzsche como “um homem de muitos talentos que tem tudo em primeira mão e consegue transmitir isso aos outros” (Burckhardt 4, p. 150); três anos mais tarde, Nietzsche descobre que Burckhardt “havia dito que a Basileia jamais teria um professor como eu novamente” (KSB V, p. 113) e vangloria-se disso a Gersdorff, Romundt (KSB V, p. 116) e a Rohde (KSB V, p. 118f.). Sobre as qualidades inspiradoras de Nietzsche enquanto professor, cf. Hollingdale 12, p. 51f. e Janz 13, 1:518-26.
- (33) Cf. Krell 18, pp. 197-212 e Pearson 36, pp. 9-36.
- (34) Cf., mais uma vez, o esboço de poema de Nietzsche dedicado a Burckhardt em 1877, no qual ele se refere ao *Humano, Demasiado Humano* como o “fruto dourado de sua [Burckhardt] própria plantação” (VIII 22[81]).
- (35) Cf. Large 20, pp. 151-9 e, em especial, p. 155.

- (36) Cf. Montinari 24, p. 28n. 4. Sobre a inversão de papéis no relacionamento pedagógico/pederástico, cf. Derrida 8, pp. 1-256.
- (37) Com exceção das duas últimas cartas de Nietzsche a Burckhardt de janeiro de 1889, as outras cinco que foram preservadas são motivadas pela sua remessa (ou pela remessa de seu editor) de uma cópia de seu livro mais recente, não obstante, o motivo recorrente é mesmo o de obter uma *escuta*. Em setembro de 1886 Nietzsche escreve (a propósito de *Para além do Bem e do Mal*): “não existem ouvidos para as minhas grandes e novas descobertas – a não ser os seus, caro e respeitadíssimo homem” (KSB VII, p.255); em novembro de 1887, ele pergunta de maneira mais hesitante (a propósito de *Para Genealogia da Moral*): “você pode conceder-me os seus ouvidos [*Gehör schenken*] uma vez mais?” (KSB VIII, p. 198). Por ter escutado as conferências de Burckhardt (KSB III, pp. 155, 159), Nietzsche quer, em troca, que Burckhardt o ouça, contudo, a indiferença deste persiste (cf. Gilman 9, p. 44f.) Sobre a questão dos ouvidos, da escuta e do fonocentrismo na relação entre os dois, cf., especialmente, Shapiro 38, pp. 15-21.
- (38) Expressão utilizada por Freud em *A Interpretação dos Sonhos* para designar uma série de justificativas que se auto-anulam. Sobre o sentido específico deste termo, cf. Freud, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro, Imago, 1987, p. 139 (NT).
- (39) Eu discordaria, aqui, de Yirmiyahu Yovel, que sustenta que nessa última carta “Burckhardt também tem aquilo que merece por ser um anti-semita” (cf. Yovel 42, p. 130).
- (40) Cf. Halévy 10, p. 154f.
- (41) Seguindo Karl Schlechta, Christopher Middleton confunde Alessandro Antonelli com seu parente distante Giacomo Antonelli, “secretário do estado papal sob as ordens de Pio IX” (cf. Nietzsche 27, p. 348n. 246). Cf. Verrechia 41, p. 182f.
- (42) Sobre o amadurecimento de Nietzsche, cf. Kofman 16, pp. 145-59 (“Des vendanges à la Claude Lorrain”). Acerca dos paralelos com Zaratustra, cf. Large 21, p. 15.

Referências Bibliográficas

1. BREAZEALE, Daniel “Becoming Who One Is: Notes on *Schopenhauer as Educator*”. in *New Nietzsche Studies* 2:3/4, verão de 1998.
2. BURCKHARDT, Jacob. *Gesammelte Werk*. ed. Max Burckhardt, 10 vols., Basileia, Schwabe, 1955-9.
3. _____. *Briefe*. ed. Max Burckhardt, 10 vols., Basileia, Schwabe, 1949-86.
4. _____. *The Letters of Jacob Burckhardt*. ed. e trad. Alexander Dru, Nova Iorque, Pantheon Books, 1955.
5. _____. *The Greeks and Greek Civilization*. ed. Oswyn Murray, trad. Sheila Stern, Londres: Harper Collins; Nova Iorque: St Martin’s Press, 1998.
6. _____. *The Civilization of the Renaissance in Italy*, tr. S. G. C. Middlemore, 3° ed., Londres, Phaidon, 1995.
7. DERRIDA, Jacques. “Otobiographies: The Teaching of Nietzsche and the Politics of the Proper Name”, trad. Avital Ronell, in *The Ear of the Other: Otobiography, Transference, Translation*, Lincoln/Londres, University of Nebraska Press, 1985.
8. _____. “Envois”, in *The Post Card: From Socrates to Freud and Beyond*, trad. Alan Bass, Chicago/Londres, University of Chicago Press, 1987.
9. GILMAN, Sander L. (ed.). *Conversations with Nietzsche: A Life in the Words of His Contemporaries*, tr. David J. Parent, Nova Iorque/Oxford, Oxford University Press, 1987.

10. HALÉVY, Daniel. *Nietzsche*, ed. Georges-Arthur Goldschmidt, Paris, Le Livre de Poche, 1977.
11. HELLER, Erich "Burckhardt and Nietzsche". in *The Importance of Nietzsche: Ten Essays*, Chicago/Londres, University of Chicago Press, 1988.
12. HOLLINGDALE, R. J. *Nietzsche: The Man and His Philosophy*. Londres/Boston/Henley, Routledge & Kegan Paul, 1985.
13. JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: Biographie*. 3 vols, Munique/Viena, Hanser, 1978-9.
14. KOFMAN, Sarah "Le/les concept(s) de 'culture' dans les *Intempestives* ou la double dissimulation", in *Nietzsche et la scène philosophique*, Paris, U.G.E., 1979.
15. _____. "Explosion I: Of Nietzsche's *Ecce Homo*", tr. Duncan Large, in *Diacritics* 24:4, inverno de 1994.
16. _____. *Explosion I: De l' "Ecce Homo" de Nietzsche*, Paris, Galilée, 1992.
17. _____. "Accessories (*Ecce Homo*, 'Why I Write Such Good Books', 'The Untimelies', 3)", tr. Duncan Large, in *Nietzsche: A Critical Reader*, ed. Peter R. Sedgwick, Oxford/Cambridge/MA, Blackwell, 1995.
18. KRELL, David Farrell. *Infectious Nietzsche*. Bloomington/Indianapolis, Indiana University Press, 1996.
19. LARGE, Duncan. "Nietzsche's Shakespearian Figures", in *Why Nietzsche Still? Reflections on Drama, Culture, and Politics*, ed. Alan D. Schrift, Berkeley/Los Angeles/Londres, University of California Press, 1999.

20. _____. “Hermes *contra* Dionysus: Michel Serres’s Critique of Nietzsche”, in *Nietzsche and the Sciences, II: Nietzsche, Epistemology, and Philosophy of Science*, ed. Babette E. Babich e Robert S. Cohen, Dordrecht/Boston/Londres, Kluwer, 1999.
21. _____. “Nietzsche’s *Helmbrecht*; or, How to Philosophise with a Ploughshare”. in *Journal of Nietzsche Studies* 13, primavera de 1997, 3-22.
22. LAURENCE, Lampert. “Nietzsche’s Best Jokes”, in *Nietzsche’s Futures*, ed. John Lippitt. Basingstoke: Macmillan/ Nova Iorque, St Marin’s Press, 1999.
23. LÖWITH, Karl. *Jacob Burckhardt: Der Mensch inmitten der Geschichte*. Lucerna, Vita Nova, 1936.
24. MONTINARI, Mazzino. “Enlightenment and revolution: Nietzsche and Late Goethe”, trad. Duncan Large, in *Journal of Nietzsche Studies* 13, primavera de 1997.
25. NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke – Kritische Studienausgabe*. Edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, 15 vols., Berlim/Munique, Walter de Gruyter & Co./Dtv, 1980.
26. _____. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*, Edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, 8 vols., Berlim/Munique, Walter de Gruyter & Co./Dtv, 1986.
27. _____. *Selected Letters of Friedrich Nietzsche*, ed. e trad. Christopher Middleton, Chicago/Londres, University of Chicago Press, 1969.
28. _____. *Twilight of the Idols; or, How to Philosophize with a Hammer*. trad. Duncan Large, Oxford/Nova Iorque, Oxford University Press, 1998.

29. _____. *Ecce Homo: How One Becomes What One Is*. trad. R. J. Hollingdale, 2° ed., Harmondsworth/Nova Iorque, Penguin, 1992.
30. _____. “Assorted Opinions and Maxims”, in *Human, All Too Human: A Book for Free Spirits*, trad. R. J. Hollingdale, Cambridge/Nova Iorque, Cambridge University Press, 1986.
31. _____. “David Strauss, The confessor and the Writer”, in *Untimely Meditations*, trad. R. J. Hollingdale, Cambridge/Nova Iorque, Cambridge University Press, 1983.
32. _____. “On the Uses and Disadvantages of History for Life”, in *Untimely Meditations*, trad. R. J. Hollingdale, Cambridge/Nova Iorque, Cambridge University Press, 1983.
33. _____. *Thus Spoke Zarathustra: A Book for Everyone and No One*. trad. R. J. Hollingdale, Harmondsworth/Nova Iorque, Penguin, 1961.
34. _____. *Philosophy and Truth: Selections from Nietzsche’s Notebooks of the Early 1870’s*, ed. e trad. Daniel Breazeale, 2° ed., Atlantic Highlands/NJ/Londres, Humanities Press International, 1990.
35. OEHLER, Max (ed.) *Nietzsche Bibliothek*. Weimar, Gesellschaft der Freund des Nietzsche-Archivs, 1942.
36. PEARSON, Keith Ansell. *Viroid Life: Perspectives on Nietzsche and the Transhuman Condition*. Londres/Nova Iorque, Routledge, 1997.
37. SCHACHT, Richard “Nietzsche’s First Manifesto: On Schopenhauer as Educator”. in *Making Sense of Nietzsche: Reflections Timely and Untimely*, Urbana/Chicago, University of Illinois Press, 1995.

38. SHAPIRO, Gary. *Nietzschean Narratives*. Bloomington/ Indianapolis, Indiana University Press, 1989.
39. TREVOR-ROPER, Hugh. "Jacob Burckhardt", *Proceedings of the British Academy, London* 70, 1984.
40. VALADIER, Paul. "Dionysus versus the Crucified". in *The New Nietzsche: Contemporary Styles of Interpretation*, ed. David B. Allison, 2° ed., Cambridge/ MA/Londres, MIT Press, 1985.
41. VERRECHIA, Anacleto. *La catastrofe di Nietzsche a Torino*. Turim, Einaudi, 1978.
42. YOVEL, Yirmiyahu. *Dark Riddle: Hegel, Nietzsche, and the Jews*. University Park: Pennsylvania State University Press; Oxford: Polity Press, 1998.

Abstract: The aim of this article is to discuss and scrutinize essential aspects of the relationship between Nietzsche and Burckhardt. In line with fundamental passages and revealing letters, it aims at showing a critical report of their intellectual scenery, and from a countermove towards the traditional model of education, it intends to bring to light a completely different conception of culture.

Key-words: history – education – culture – German philosophy